



EUA / Homem lança carro contra barreira de segurança na entrada norte do Congresso, atropela dois policiais, usa faca para prosseguir com o atentado e é baleado. O autor e um dos agentes estão mortos. Joe Biden se diz "devastado". Motivação do crime não está clara

Ataque ao Capitólio

O Capitólio, centro do Poder Legislativo dos Estados Unidos e chamado de "a casa do povo", voltou a ser alvo de um ataque, 86 dias depois de uma invasão. Às 13h02 de ontem (14h02 em Brasília), um homem lançou um carro sedã azul contra uma barreira na entrada norte do complexo e atropelou dois policiais na Avenida da Constituição. Desceu do automóvel portando uma faca, correu em direção dos agentes, foi baleado e morreu 28 minutos depois, após dar entrada no hospital.

Um dos policiais atingidos, o veterano William "Billy Evans", que trabalhava havia 18 anos no Capitólio, não resistiu aos ferimentos e faleceu. A região central de Washington D.C. ficou isolada por cerca de duas horas, enquanto homens da Guarda Nacional patrulhavam o Capitólio. Um helicóptero chegou a pousar no gramado do National Mall — a esplanada que se estende do prédio do Congresso até o Lincoln Memorial.

Em 6 de janeiro passado, o prédio chegou a ser invadido por uma horda de simpatizantes do então presidente Donald Trump, que protestavam contra a derrota nas eleições. Na ocasião, cinco pessoas morreram, incluindo o policial Brian D. Sicknick. Segundo a agência de notícias France-Press, ontem, o Congresso estava em recesso para a Semana Santa, e poucos funcionários permaneciam no local.

As autoridades confirmaram a identidade do autor: Noah Green, 25 anos,

natural do estado de Indiana. Em seu perfil no Facebook, apagado pouco depois, ele se dizia "seguidor do islã" e chegou a publicar mensagens sobre o fato de ter ficado desempregado, sobre a busca de orientação espiritual e sobre sentir "medo" do FBI — a polícia federal norte-americana — e da CIA (Agência Central de Inteligência). Nas redes sociais, Green se descrevia como simpatizante de Louis Farrakhan, líder do grupo político e religioso fundamentalista Nação do Islã, de orientação antisemita. Ele também discorria sobre "o fim dos tempos" e o "anti-Cristo".

Até o fechamento desta edição, não estava clara a motivação do atentado. Robert Contee, chefe da polícia do Distrito de Colúmbia, afirmou que "não parece ser um (evento) relacionado com o terrorismo". "Precisamos entender a motivação por trás desse ato sem sentido", acrescentou.

Condolências

O presidente dos EUA, Joe Biden, divulgou comunicado à imprensa no qual afirmava estar "devastado" pelo "violento ataque". "Jill e eu enviamos nossas sinceras condolências à família do policial Evans e a todos, lamentando sua perda. Nós sabemos o quão difícil tem sido este momento para o Capitólio, para todos os que trabalham lá e para aqueles que o protegem", escreveu Biden, ao citar a primeira-dama. O democrata ordenou o hasteamento a meio mastro da bandeira americana na

Win McNamee's/AFP



Perito analisa o local do ataque diante do carro destruído pelo impacto: autoridades minimizam a tese de ação terrorista

Casa Branca e em todos os prédios públicos de Washington D.C. até o pôr-do-sol da próxima terça-feira.

Nancy Pelosi, presidente da Câmara dos Representantes, declarou que "o coração da América está partido pela trágica e heroica morte de um de nos-

sos heróis da Polícia do Capitólio: o policial William Evans". "Ele é um mártir da nossa democracia", destacou. Pelosi assegurou que o Capitólio está pronto para ajudar as forças de ordem em uma investigação "rápida e exaustiva desse atentado atroz".

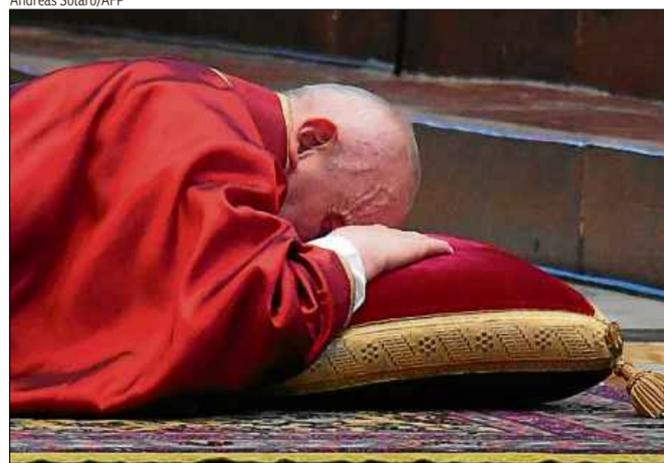
"Eu estou destroçado pelo policial morto ao defender nosso Capitólio e por sua família. Rezo pelo policial ferido e por sua família. Estamos em dívida com eles", disse Chuck Schumer, líder da maioria democrata no Senado.

Reconhecimento da ciência e celebração da fé



Para o líder da Igreja Católica, a Sexta-feira da Paixão foi momento de demonstração de fé e de esperança, mas, também, de aceno à ciência, enquanto o mundo celebra a segunda Semana Santa consecutiva em meio à pandemia da covid-19. Na noite de ontem, o papa Francisco presidiu, na Praça de São Pedro, a Via-Crucis (D) sem público, em evento que contou apenas com a participação de crianças italianas. Em 2020, o sumo pontífice confiou a presos a leitura de textos sobre a Paixão de Cristo, sua condenação à crucificação e seu sepultamento. Neste ano, foi a vez de crianças e adolescentes de um grupo de escoteiros, além de menores pertencentes a uma paróquia romana que ajuda vulneráveis. Mais cedo, o papa se reuniu com sem-teto e pessoas vulneráveis que receberam a vacina contra a covid-19, no átrio da Sala Paulo VI do Vaticano. Ele saudou médicos e enfermeiras (E), acompanhou o procedimento de preparação dos imunizantes e conversou com pessoas que aguardavam na fila de vacinação.

Andreas Solaro/AFP



Conexão diplomática

por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Na pandemia, o nosso retrato

Um mapa da segurança sanitária na América do Sul pode ser o ponto de partida para uma panorâmica da situação do país na frente externa. Não há um só vizinho — incluindo os "indiretos", Chile e Equador — que não imponha hoje algum tipo de restrição ao ingresso de brasileiros ou de viajantes originários do Brasil. A situação é a mesma, no fundamental, no mapa-mundi.

O retrato gravado pela pandemia ilustra o cenário no qual o embaixador Carlos Alberto Franco França assume o Ministério das Relações Exteriores. O antecessor, Ernesto Araújo, sucumbiu à pressão política que fermentou e se acumulou ao longo de dois anos, para atingir a massa crítica como desdobramento da pandemia.

Aos olhos dos parceiros, começando pelos mais íntimos, a troca de guarda no Itamaraty é acompanhada em conexão direta com o tratamento adotado em resposta à escalada da covid-19.

Integrar para não enterrar

A imagem da crise sanitária se ajusta,

no fundamental, ao diagnóstico da posição do país no processo de integração regional. A cúpula comemorativa dos 30 anos do Mercosul, há uma semana, último compromisso do gênero para Ernesto Araújo, expôs na vitrine a solidão diplomática do governo Bolsonaro, com o presidente já fora do ambiente virtual quando a anfitriã Argentina e o Uruguai protagonizaram a principal discussão do encontro.

Recompor a capacidade do bloco para atuar como tal é, no mapa, a mais próxima das operações que se apresentam para o novo titular do Itamaraty. A América do Sul, desafiada pela urgência da vacinação e consciente do esforço necessário para relançar a economia, olha com atenção para a única direção possível de transmitir alguma liderança.

Geração precoce

O novo chanceler é o segundo, em sequência imediata, a assumir o comando do ministério antes de ter chefiado uma embaixada. Ao contrá-

rio de Ernesto Araújo, Carlos França nem mesmo chegou a responder por um departamento do Itamaraty. Basicamente, sua experiência desde a promoção a embaixador, o posto mais alto da carreira, o novo chanceler serviu em funções de cerimonial e assessoria no Planalto — sempre no período Bolsonaro.

Ambos na casa dos 50 anos, os dois titulares do MRE no atual governo compartilham afinidades políticas e ideológicas com o presidente. O novo titular, porém, tem experiência mais restrita no âmbito da carreira e, aos olhos do parceiro, se configura como um enigma quase completo. Antes de mais nada, no que diz respeito ao grau de influência que poderá ter na formulação da política externa.

Se não ajuda...

No Congresso e nos círculos diplomáticos, a sucessão no Itamaraty motivou de início interpretações iniciais variadas e distintas.

Em comum, a quase certeza de que o novo chanceler tende a operar principalmente como gestor, no âmbito da diplomacia profissional e cotidiana, de uma política externa sobre a qual dificilmente terá alguma incidência efetiva.

A diferença do antecessor, porém, Carlos França está menos identificado, por expressão pública, com a defesa intelectual das posições que distinguem a visão de mundo do governo Bolsonaro.

...não atrapalha

Não foi pouca a repercussão, entre os emissários externos que convivem ou já conviveram com o Brasil, da carta em que mais de 300 diplomatas brasileiros censuraram a atuação de Ernesto Araújo, às vésperas de sua queda. Desde que sua indicação foi confirmada, ainda na transição de governo, em novembro de 2018, o chanceler recém-demitido colecionou críticas pelo estilo afoito de defender, especialmente nas redes sociais, posições vistas como conflitantes com marcos históricos da diplomacia brasileira.

A postura incomparavelmente mais discreta do sucessor tem valido comentários ao menos condescendentes nos corredores — físicos e virtuais —

do Itamaraty. A expectativa, mesmo entre os diplomatas menos afinados com a visão internacional do atual governo, é de que Carlos França está longe de representar uma reorientação da política externa, mas "atrapalha menos a diplomacia profissional".

Para quem precisa

Duas questões relacionadas diretamente à pandemia se colocam ao novo chanceler desde os primeiros dias de gestão. Primeiro, a sequência da discussão sobre patentes das vacinas para a covid-19. A Índia, sócia do Brasil no Brics e uma das grandes produtoras mundiais de imunizantes e insumos, não desiste de obter a adesão do Brasil à proposta de suspensão temporária das patentes para as fórmulas detidas pelas grandes multinacionais do setor.

Paralelamente, a OMS segue à espera de que o Brasil se engaje efetivamente nos esforços do Covaxin, o consórcio formado, no âmbito do sistema multilateral, para possibilitar campanhas de vacinação em massa em países com menor disponibilidade financeira.

Embora em posição relativamente privilegiada, o Brasil teria a ganhar com o avanço de uma abordagem multilateral para o combate à pandemia.